

## O Padre Reus.

### Nascimento e Adolescência do Padre Reus na Alemanha.

Desde a infância o demônio me perseguia.

A aldeia de Pottenstein na região da Bavária (Alemanha), possui uma altitude que varia entre 350 à 450 metros acima do nível do mar e sua população atual é de cerca de 1500 habitantes. Nacionalmente é conhecida como um excelente centro de recursos climáticos para tratamentos de saúde. Pottenstein, assim chamada "Suiça de Francônia", foi o lugar de nascimento de João Batista Reus. Seus pais, João Reus e Ana Margarida Hengl, moravam na rua principal, nº65. Nessa casa está uma placa com a inscrição: "Nesta casa nasceu o Padre João Batista Reus, SJ., em 10 de julho de 1868".

Cercada de altos penhascos, fica próxima ao ponto de união dos vales Weihersbach e Haselbrunn e está situada aos pés de um velho castelo cuja história desempenhou um importante papel para a região. Santa Isabel da Áustria morou entre suas paredes de 1228 à 1229. Ainda hoje muitos prédios ostentam com orgulho o nome da santa católica e na praça da aldeia existe uma estátua em sua homenagem.

Foi ali, na pequena Pottenstein, cercada de história e religiosidade nasceu um menino que foi batizado com o nome de um dos mais importantes profetas bíblicos: João Batista. Sobre esse dia tão importante para sua vida de fé cristã, o Padre Reus escreveu mais tarde: ***"Na medida em que avanço em anos, avalio melhor a graça da fé e agradeço-a à bondade divina..."***

O ambiente familiar de João Batista era propício para o desenvolvimento de uma vida cristã autêntica. O pai, João Reus, procurava educar os filhos para o fiel cumprimento dos seus deveres e ele mesmo era exemplo de uma fé vigorosa e de um genuíno testemunho cristão.

Dotados de sólida educação moral e religiosa, fato que iria mais tarde refletir-se na educação do garoto, os Reus em nenhum momento deixaram-se abater pela situação financeira difícil por que passavam e pelo volume de dívidas que haviam acumulado nos últimos anos.

Ao contrário, o nascimento foi motivo de comemoração e alegria no seio familiar.

João Batista Reus seria o oitavo filho de uma família de 11 irmãos.

Sem desanimar com as dificuldades financeiras, enquanto a mãe Anne convalescia do parto, o pai João, um açougueiro humilde e otimista, continuava seu trabalho árduo e difícil na pequena gleba de terras que a família possuía nos arredores de Pottenstein.

O tempo passou e o pequeno Batista acostumou-se com uma infância alegre e despreocupada, brincando na neve e fazendo peraltices e estripulias com um pequeno grupo de amiguinhos que lhe acompanhavam de manhã à noite.

Um dia sua mãe estava orando acompanhada do caçula Francisco e pediu em voz alta que Deus iluminasse João Batista e abrisse seu coração para as coisas da Igreja, ao que prontamente o pequeno Francisco prontamente respondeu:

*- Mas o João também deve colaborar com a nossa oração, mãe!*

Francisco sabia que João Batista estava muito mais preocupado com a criação dos gansos que o pai colocou sob sua responsabilidade, do que pensar em servir a Igreja. Quando não estava brincando com os irmãos e o grupo de amigos, João Batista dividia seu tempo entre o cuidado com os gansos e os deveres da escola.

Antes de completar os 12 anos, a quatro de abril de 1880, no domingo da Páscoa, fez sua primeira comunhão. Embora bem preparado para o acontecimento, pareceu-lhe estranho que tivesse pensamentos não muito piedosos, que o deixaram molestando. Pelo fim de sua vida, recordava:

***“Parece-me ser uma realidade: já desde a infância, o demônio me persegue”... (27. 10.46).***

Embora não fosse muito dotado, João Batista gostava de estudar. Possuía grande facilidade para línguas. Além das disciplinas regulares, interessava-se pelo italiano, hebraico, aramaico e árabe. Dedicava-se também à taquigrafia, ao desenho, ao canto. E gostava de tocar cítara.

Já nos primeiros meses de escola a vocação religiosa do jovem João Batista Reus começou a manifestar-se através de seu desejo diário de ir rezar na Igreja de São Martinho, perto do ginásio onde estudava. Todas as manhãs antes da aula ele entrava na igreja com passos firmes e resolutos para fazer as orações do dia.

Cultivava um amor especial à Virgem Maria. Todos os sábados freqüentava a igreja da Mãe de Deus, situada num ponto mais elevado da cidade. Sua maior alegria era subir a colina de Pottenstein para freqüentar a Igreja dedicada à Virgem Maria. Nestas ocasiões costumava pedir que seu destino fosse o de transformar-se em um pobre sacerdote. Quando dezenas de anos mais tarde teve a oportunidade de escrever suas memórias, fez constar a seguinte passagem a respeito destes pedidos:

***— “A Virgem Maria tomou esse meu pedido ao pé da letra e me alcançou a graça de vir a ser, por sua intercessão, um pobre jesuíta. Quanta alegria proporcionou-me mais tarde o completo cumprimento deste meu desejo. É admirável como a Mãe sabe superar de longe todo o raciocínio humano. Graças lhe sejam dadas por toda a eternidade”.***

## **A experiência militar**

Apesar de ser um estudante de teologia com visível vocação religiosa, no final da adolescência ao concluir o curso ginásial apresentou-se para servir ao exército. Como o serviço militar era obrigatório, a única concessão feita aos novos recrutas era de que aqueles que tivessem completado a 6ª série, como ele o fizera, poderiam ter seu tempo de serviço militar reduzido. Ainda assim todos deveriam dedicar pelo menos um ano de suas vidas à carreira militar.

Resolvido a seguir o destino que sua mente há muito já havia traçado João Baptista Reus fez uma coisa antes de ingressar nas fileiras do exército: matriculou-se primeiramente no Seminário de Bamberg e só depois partiu para ingressar nas fileiras militares.

Durante os primeiros tempos em que esteve na caserna muitos de seus amigos chegaram a imaginar que sua vocação sacerdotal tivesse desaparecido. Era tamanha sua força de vontade e tão sinceros e dedicados seus esforços em cumprir as tarefas que lhe eram determinadas, que a maioria dos colegas tinham quase certeza que estava sendo formado ali um futuro profissional das armas e não um homem dedicado a Deus.

E João Batista de uma certa forma até contribuía para que todos pensassem daquela forma, pois a cada dia esforçava-se mais em seus deveres de militar. Tamanho era seu empenho pessoal que logo foi promovido a cabo; não demorou muito já era sargento e pouco depois prestou exames para o oficialato. Neste curto período de tempo até mesmo seus superiores e amigos mais próximos não duvidavam mais que o futuro do rapaz seria no exército, do contrário não teria prestado exames para o oficialato.

Como o cargo de oficial militar era incompatível com o de sacerdote o fato de ter prestado exames e promovido a oficial deixava antever até mesmo para seus familiares que o jovem nascido em Pottenstein havia despertado para uma nova vocação profissional.

Todos, no entanto estavam enganados. O ânimo do jovem alemão em nenhum momento tinha arrefecido. Em outubro de 1890 João Baptista renunciou ao oficialato, deu baixa e em seguida ingressou no Seminário de Bamberg.

### O jovem seminarista

João Batista nutria um grande desejo de ser sacerdote. Mas não simpatizava com a vida de seminário.

Em sua autobiografia, João Batista escreve:

***Não posso! Não posso!*** – Qual terá sido a origem dessa insistente relutância? ***Quer-me parecer que era o demônio, pois desapareceu com o meu ingresso no Seminário...*** (Autob. 20ss).

A mesma decisão e força de vontade demonstrada durante a carreira militar repetiram-se em Bamberg e enquanto estudava teologia o jovem Reus com a mesma tenacidade lia tudo que encontrava a respeito da vida de Santo Ignácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus.

No Seminário, teve oportunidade de fazer de imediato o seu primeiro retiro espiritual inaciano, de três dias. Foi uma nova experiência para a sua vida, que ele descreveu assim: ***“Comecei vida nova. A mudança operada em mim foi como a passagem da noite para o dia.”*** Seu propósito, no final do retiro era: ***“Ser puro como um anjo.”*** Esta norma passou a polarizar todas as suas aspirações. Buscava forças no amor de Cristo, em especial ao Deus Menino do Presépio, para o cumprimento de seu propósito. Mais tarde anotou em seu diário:

***“A amável Mãe de Deus, inspirou-me a princípio grande amor a seu Divino Filho... Uma grande confiança e íntimo amor ao Menino Jesus tomavam posse do meu jovem coração.”***

Em setembro de 1892 fez uma viagem até Exaeten, na Holanda e lá teve certeza que sua vida religiosa aconteceria entre os jesuítas. Apesar de seu desejo intenso de ingressar imediatamente naquela ordem, não foi ainda desta vez que ocorreu seu ingresso.

Aconselhado a ordenar-se sacerdote em sua diocese, retornou da Holanda e foi para Bamberg onde continuou seus estudos por mais um ano.

Nas férias, no segundo domingo depois da Páscoa, fez uma bela homilia sobre o seu tema predileto: **o Santíssimo Sacramento**, com satisfação geral dos presentes. O jovem diácono era estimado por todos, tanto por sua personalidade como por seu caráter jovial. Não costumava fazer distinção entre as pessoas. Apenas demonstrava especial amor aos pobres.

### **A Ordenação Sacerdotal.**

Como preparação imediata ao sacerdócio, fez um retiro espiritual, anotando posteriormente em sua autobiografia: ***“Chegaram os dias do retiro antes da ordenação. Manifestou-se então com toda a veemência o fogo do amor ao Redentor... Quero amar-Vos de coração com amor íntimo, cálido e abrasador, com o mais puro e santo amor de Deus...”*** (Autob.39). O propósito do retiro foi: ***“Meu Deus, quero amar-Vos cordial e intimamente, com entrega total de todo meu ser!”***

Foi ordenado sacerdote, dia 30 de julho de 1893, na Catedral de Bamberg, juntamente com outros 16 diáconos. No mesmo dia viajou com seu pai, que assistiu à ordenação, para a sua terra natal. Dia 31, festa de Santo Inácio de Loyola, celebrou a sua primeira missa na Matriz de Pottenstein, com grande participação de seus conterrâneos.

Inicialmente imaginou que poderia ingressar imediatamente na ordem dos jesuítas, mas os fatos não aconteceram como ele queria. Só após muita insistência junto a seus superiores conseguiu quatro anos depois fazer seus primeiros votos perpétuos na Ordem Jesuítica. Três anos depois foi enviado para o Brasil.

Nutria amor especial aos pobres. Vai neles o próprio Cristo. Tudo o que recebia de presente, João Batista o levava às escondidas aos doentes e necessitados.

***Heróico na oração e na penitência, buscava reparar as muitas ofensas ao Sagrado Coração de Jesus e as irreverências à sua Mãe do Céu. Celebrava mensalmente uma santa missa em honra do Coração de Jesus e outra em honra do Coração Imaculado de Maria.***

Padre Reus não conhecia meias medidas, Impelido pelo amor e pelo desejo de reparação, visitava a igreja muitas vezes durante o dia e também a noite. Vivia a fé na presença de Cristo no SS. Sacramento. Naquele tempo recebeu a primeira graça mística de que conseguiu lembra-se, sentindo vivamente a presença de Deus. Anotou em sua autobiografia:

***“Repentinamente me sobre veio a proximidade de Deus, como se entrasse n’Ele, submergido em dulcíssima paz interior. Era um sentir a Deus na sua influência sobre a alma.”***

Somente 20 anos mais tarde reconheceu claramente que nessa ocasião recebera a primeira graça mística. Ele jamais aspirava esse tipo de graças especiais e até sentia certa repugnância contra eles.

***Padre Reus sacrificava-se e fazia muitas mortificações para assemelhar-se mais ao Divino Mestre, Jesus Cristo. Sabia da importância de nunca relaxar na luta contra o mal.***

Oferecia a sua natural sensibilidade, a sua tendência para a auto-afirmação, autoglorificação e egoísmo.

Aceitava-se a si mesmo como era e suportava as reações dos outros perante sua atitudes pouco sociais, sua tendência para certa estreiteza e severidade, que chegavam a provocar a antipatia de alguns. Mas também o Padre Reus teve suas dificuldades e confessa ter sentido ‘antipatia insuperável’ para com um superior.

Humilhante foi para ele o não ter passado no exame para a jurisdição, isto é, a licença de ouvir confissões, apesar de se ter preparado cuidadosamente. Teve que repetir o exame e também no exame final de Teologia não foi muito brilhante. “Deus não me deu inteligência pronta e memória fácil como a outros, mas fez tudo muito bem feito!” – confessa ele humildemente.

Os confrades, percebendo que o Padre Reus era um tanto “diferente dos outros”, julgavam-se com o direito de lhe “pregar alguma peça”. Achavam-no demasiadamente sério e rigoroso para consigo mesmo. Mas ele não deixava perceber o quanto isto lhe doía e tomava essas brincadeiras como oportunidades para praticar a virtude.

### **O Padre Reus no Brasil.**

Depois de um longo tempo de preparação em que empregou todas as suas forças no auxílio aos pobres, doentes e necessitados, o padre Reus foi enviado ao Brasil onde chegou acompanhado de outros quatro colegas de batina.

Em 15.09.1900 Com o coração pulsando e a fisionomia aberta num grande sorriso, Pe. João Batista Reus desembarcou no porto de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, estado brasileiro situado no extremo sul do país, viajando através do vapor “Rosário”.

Quando seus pés tocaram o solo brasileiro estava com 34 anos de idade e um desejo cada vez mais intenso de ajudar seus semelhantes. Nos primeiros 11 anos de Brasil dedicou-se ao apostolado na cidade de Rio Grande.

São interessantes as suas notas a respeito do estado religioso dessa cidade. Muita ignorância, incitações contra o clero e a religião. Os poucos católicos muitas vezes não possuíam firmeza suficiente para se colocarem decididamente ao lado de seus pastores.

Recordando-se daquele tempo, Padre Reus escreve mais tarde:

***“Na minha vida espiritual fazia o que a regra prescreve. Chamou-me atenção o fato de sentir por momentos vivamente a presença de Deus durante a meditação. Parece-me que Ele descia sobre mim e sobre mim descansava, de modo que o sentia perto de mim. Mas eu não sabia o que isto significava... Certa vez, até quando fui chamado à sala de visitas, experimentei a presença de Jesus como uma pessoa que estivesse a meu lado, mesmo enquanto conversava com as pessoas”.*** Parece que naquele momento o próprio Padre Reus nem suspeitava que se tratava de graça mística, pois ele nem se preocupava com essas coisas.

Um ano depois, em 1912 foi removido para a capital do Estado, Porto Alegre e nomeado professor num dos colégios mais tradicionais da cidade, o Colégio Anchieta.

Este ano é marcado por receber grandes graças místicas, apesar de Padre Reus ser um sacerdote simples e modesto. Ele nunca aspirava ao extraordinário, tais como graças místicas ou carismas especiais. Até evitava “como peste” a leitura de livros sobre tais assuntos. Muitas vezes confessava que em vista de toda a educação recebida e de seu natural sóbrio, não queria saber nada de místico, procurando evitar tudo o que estivesse fora do comum. Apenas queria ser um sacerdote fiel e jesuíta zeloso no cumprimento de seus deveres.

Em fins de agosto teve experiências místicas que o surpreenderam:

***“Durante o exame de consciência, a 26 de agosto sobreveio-me tal fogo abrasador que só consegui aliviar meu coração com suspiros fortes. Repentinamente aumentou de tal maneira esta onda de amor, vindas do alto, que não conseguia mais suportá-la”.*** Parecendo-lhe tudo isso muito estranho, procurou o superior da Missão, padre Zartmann, homem muito sério e prudente. Após minucioso exame disse-lhe que a coisa vem realmente de Deus!”

No dia sete de setembro recebeu uma graça mística muito rara: **as santas Chagas ou estigmas de Cristo**. Na noite de seis para sete de setembro, acordou várias vezes e sentiu cada vez mais a presença do Salvador. Durante a meditação da manhã percebeu sensivelmente como Cristo olhava para ele. É o próprio Padre Reus que conta:

***“De repente sobreveio-me um amor fortíssimo e inflamou-me todo o corpo, de modo que parecia estar em chamas. Senti-me puxando para cima, de modo que os meus braços ficaram distendidos. Violenta labareda de fogo precipitou-se do alto e eu senti como algumas setas penetravam em meu coração. Julguei que fosse imaginação minha e me esforcei por rejeitar toda ilusão, mas de nada adiantaram os meus esforços. Percebi, então, cinco raios de luz, vindos em direção das cinco partes do meu corpo, nas quais no Vosso Corpo ressuscitado, ó Jesus, guardais as santas chagas. Foi uma verdadeira luta. Embora nada percebesse com meus olhos corporais, a visão era tão clara que não podia duvidar ter recebido em minha alma a impressão das Vossas cinco Chagas”.***

Os estigmas permaneceram invisíveis, fato também verificado em outras almas agraciadas. Mas o Padre Reus sentiu-se toda a vida e às vezes tão fortemente que se contorcia de dor. Foi certamente a melhor resposta para as suas dúvidas, no sentido de que pudesse ser vítima da imaginação ou da ilusão.

A partir de então recebe quotidianamente graças excepcionais durante os exercícios de piedade, **principalmente durante a celebração da santa missa**. Anjos e Santos lhe apareciam diversas vezes.

Neste mesmo ano seu estado de saúde começou a apontar os primeiros problemas de uma longa e sofrida enfermidade.

Sua passagem pelo colégio Anchieta já mostrava o sacerdote maduro, de fisionomia austera e olhares distantes que embora mantivesse a mesma determinação férrea, havia deixado em Bamberg grande parte de seu vigor físico.

Apesar de seus deveres profissionais serem ligados à pedagogia e à administração das tarefas escolares, nunca deixou de ser um religioso apaixonado, devotado e fervoroso.

### **Pároco em São Leopoldo - RS.**

No ano de 1913 foi nomeado pároco da cidade de São Leopoldo-RS, centro de colonização alemã, lugar onde ficaria o resto de sua existência. Ali foi diretor e conselheiro espiritual no Seminário Maior de São Leopoldo e do Colégio Cristo Rei.

Continuando seu trabalho de ajuda aos pobres e necessitados que havia iniciado na Alemanha, fundou a Liga Operaria Católica com o objetivo de continuar ajudando os pobres, coisa que procurou fazer enquanto foi vivo.

O Padre Reus sentia a dura realidade da vida, como ele mesmo confessa: ***“Não sei o que é: cada sacrifício ainda que pequeno, me custa, repugna o meu natural, a ponto de pedir continuamente novas forças para vencer”***. No entanto o padre Reus ousou dizer ao se Deus: ***“Apesar de tudo ninguém Vos amará mais do que eu”***.

### **Professor no Seminário Menor**

O Padre Reus desejava ser missionário popular, mas Deus lhe preparava outra missão: professor no curso ginásial do Seminário Menor de São Leopoldo, que foi o principal campo de suas atividades.

Foi professor de Religião (16 anos), de Latim (15 anos), de História (16). Lecionou também Português, e, temporariamente, Francês e Geografia.

A nova tarefa era um sacrifício para ele, já que não possuía os dotes de “professor nato”. Mas, o amor ao seu Mestre o fez dedicar-se ao magistério com toda energia, e acabou gostando.

A respeito das aulas de Religião, um antigo aluno confessa o seguinte:

*“Suas palavras, cheias de unção, revelavam íntima familiaridade com as coisas de Deus. Quantas vezes, depois da aula, eu ia à capela, para agradecer a graça de ser aluno de um santo. Certo dia nos leu a Mensagem do Coração de Jesus aos sacerdotes. Não posso esquecer essa leitura, principalmente a passagem que fala da Bem-aventurada Virgem.” Ela, minha Mãe, é também a mãe do sacerdote”. Aí sua voz assumiu um tom de unção que me penetrou na alma. Era sabido que, se falava da Virgem Maria, o fazia de fisionomia iluminada e sorridente. **A Mãe de Deus e o Sagrado Coração de Jesus eram os seus temas preferidos”.***

Outro ex-aluno se refere ao Padre Reus da seguinte maneira:

*“Como professor, o Padre Reus era sério e sabia manter a disciplina. Nós o respeitávamos como padre muito religioso e devoto”.*

Padre Reus não só se esmerava na instrução religiosa dos seus alunos, mas procurava formar personalidades. Insistia na ordem, pontualidade, atenção e aplicação. Ele próprio procurava dar o exemplo para isso. Até pelos seminaristas menores era considerado como o “padre santo”, que rezava muitas vezes na galeria do Seminário, sem se distrair com o barulho, durante os jogos no pátio.

Durante sua vida escreveu diversos livros religiosos em português, espanhol, alemão e italiano.

### **Grande homem de oração – homem de Deus.**

*Antes o coração se rasgue em mil pedaços do que admitir qualquer violação da obediência.*

Aqueles que conheciam e conviveram com o Padre Reus reconhecerem que ele era um homem de muita oração. O padre Cândido Santini, SJ. (falecido) conviveu 25 anos com o Servo de Deus. É dele este depoimento:

*“O Servo de Deus nos deixou a impressão indelével de que era um homem de Deus, imerso em oração, vivendo sempre na presença do Senhor. Milhares de jaculatórias, que diariamente saíam dos seus lábios, as freqüentíssimas comunhões espirituais, as meditações e confissões diárias, as adorações noturnas semanais, as visitas ao Santíssimo, que fazia de hora em hora, os três terços diários e o Breviário, que rezava de joelhos diante do Santíssimo e da imagem da Virgem Imaculada, a devoção da Via-Sacra, que percorria três vezes por dia, todas as santas missas, a que assistia, antes ou depois de ter celebrado a sua, a reta intenção, com que transformava toda a sua vida em oração... tudo isto nos diz claramente que o Padre Reus viveu deveras uma vida de oração intensíssima”.*

O Padre Reus sabia que o fim último de todo exercício de piedade é aumentar a união da alma com seu Deus. E esta união ele a procurava, não só para a glória de Deus e santificação da própria alma, mas antes de tudo visava a salvação de muitas almas. E este apostolado em favor próximo chegava a ser heróico.

Pedia constantemente ao Senhor:

***“Senhor, fazei que eu morra para mim mesmo e vivia somente para Vós, a fim de salvar quantas almas for possível salvar”.***

Sua vida se tornou um constante morrer a si mesmo, para ser mais e mais imbuído de Deus.

Sua jaculatória preferida era repetir os santos nomes de Jesus, Maria, José. Repetia constantemente esses nomes no decorrer do dia e principalmente durante as longas noites de insônia.

**O Padre Reus também acreditava na força da oração** e por isso rezava com muita fé e confiança. Vários fatos de sua vida demonstram que a oração confiante lhe ajudou a resolver coisas concretas. Um desses fatos aconteceu no outono de 1935, quando terríveis temporais com trovoadas por três vezes ameaçavam grandes prejuízos. Ele se pôr de joelhos a rezar de braços estendidos, implorando a proteção de Deus. Em pouco tempo a calma voltou, e não se registraram os danos que em outras ocasiões resultavam em centenas de vidraças despedaçadas”.

### Suas grandes devoções

O Padre Reus nutria um grande amor a Jesus Eucarístico e, em conseqüência, amava profundamente o Sagrado Coração de Jesus, presente na Eucaristia. Assistia a todas as santas missas que eram celebradas na capela do Seminário e alhures, sempre que o tempo lhe permitia.

Padre Reus tinha também uma grande devoção para com a Mãe de Deus, devoção que lhe foi implantada na alma pela sua própria mãe, desde a tenra infância. Promovia, onde era possível, a Confraria de Nossa Senhora do Carmo e reza do terço diário. Nos primeiros dias da sua estada em Rio Grande fez voto de promover, na medida do possível, também a devoção ao Imaculado Coração de Maria. Para tanto aproveitou as aulas, as palestras particulares e muitas outras oportunidades. Escreveu um folheto sobre o Sábado de desagravo, que em várias edições alcançou centenas de milhares de exemplares. Repetia incessantemente a jaculatória: “Doce Coração de Maria, sede minha salvação”.

Era ainda devoto de Nossa Senhora Medianeira, pois numa visão contemplou **María Santíssima como Medianeira de Todas as Graças**. Dedicou as mais belas palavras de sua vida a essa devoção. **“Foi a querida Mãe de Deus que me deu tudo! Pareço-me a mim mesmo como um dos santuários da Santíssima Virgem, onde as paredes estão recobertas de ex-votos, com a mesma frase: Maria ajudou...”**

Como que em decorrência da devoção ao **Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria**, o Padre Reus foi também devoto do **Patriarca São José**. Uma das provas dessa devoção está no fato de o Padre Reus se ter empenhado, profundamente, para que a festa do Patrocínio de São José fosse celebrada anualmente com toda a solenidade.

Além dessas devoções especiais, o Padre Reus possuía devoção particular aos santos anjos, aos santos, seus grandes amigos celestes, ao Menino Jesus, a seu padroeiro São João Batista e a Santo Inácio de Loyola, fundador de Companhia de Jesus.

### Vida de penitência e de sacrifício

Seria suspeita a vida de oração e de piedade numa pessoa que fugisse do sacrifício e da cruz.

Padre Reus amou sincera e generosamente a cruz e tinha verdadeira fome e sede de sacrifícios. Aceitava resignadamente os desprezos, as humilhações que feriam profundamente sua extrema susceptibilidade. Flagelava-se diariamente antes de se recolher à noite; cingia-se freqüentemente com um cilício de ferro, dormia sobre duas tabuas, escondidas debaixo do lençol, jejuava quase sem interrupção e dominava os sentidos e a natural curiosidade de maneira edificante. *Mas o maior sacrifício foi sem dúvida, a renúncia à sua vontade e sua perfeita e constante subordinação à vontade dos superiores.*

Verdadeira tormenta agitou-lhe a alma, quando soube ser desejo da Ordem que os súditos abrissem suas consciências não só ao superior provincial, mas também ao superior da Comunidade. **“Parecia-me então mais fácil confessar pecados graves – se os tivesse – do que revelar as graças místicas”**. Mas, como tinha prometido ao Senhor procurar fazer sempre o mais perfeito, foi fiel também neste particular.



Grande provação para o Padre Reus era a gradativa perda da visão, que poderia transformar-se em cegueira completa. Eis seu desabafo pessoal: ***“Estive pronto para aceitar mais esta cruz além das demais, se assim fosse do agrado do Sagrado Coração. Salve Cruz preciosa! Eu sabia muito bem dos pesados sacrifícios que a cegueira me traria: a completa dependência dos outros; talvez a total impossibilidade de celebrar a santa missa, se não conseguisse decorar com a necessária segurança as orações, e renúncia completa ao trabalho no livro de Liturgia; tudo isso aceito-o de boa vontade, contanto que se cumpra a vontade do Senhor; Aceito tudo das mãos de Deus e de Maria Santíssima.”***

Deus, porém, se contentou com a boa vontade de Seu Servo, preservando-o da cegueira. Mas a surdez, própria da velhice, não lhe foi poupada. Era preciso falar muito alto para que ele compreendesse o que se dizia. Apesar disso, escreveu ao seu amigo padre Miguel Schminntt, pároco em Pottenstein, em 1947: ***“... descontentos os achaques da velhice, vou muito bem. Em todo o caso sinto-me muito feliz com minha sorte, pois me veio do Coração de Jesus”.***

### **A palavra dos superiores**

Padre Reus abria sua alma aos padres provinciais, como também aos reitores do Seminário, em São Leopoldo. Todos o elogiam. O padre Ferdinand Baumann, seu consciencioso biógrafo, que o conhecia pessoalmente, relata o seguinte:

*“Todos viram no Padre Reus um homem serio, razoabilíssimo, firme nas suas atitudes, de mentalidade crítica, enérgico, livre de sentimentalismo e exaltação. Todos conheciam sua veracidade inabalável e sabiam que se devia dar crédito incondicional ao que dizia. Os superiores conheciam suas virtudes heróicas: **penitências e mortificações extraordinárias, adorações noturnas, permanente e notório recolhimento e autocontrole.** Não poderia ter praticado tudo isso sem ser misticamente agraciado”.*

Sem subterfúgios, Padre Reus relata as angústias sofridas por causa das vivências místicas, como também as lutas e preces para obter o discernimento dos espíritos, ou seja, a faculdade de distinguir o genuíno do falso.

Aliás, em todas as visões e demais fenômenos místicos, permanece sempre a dificuldade de se saber, com certeza, o que na contemplação dos mistérios procede imediatamente de Deus e o que o homem, impelido por Deus, acrescenta da sua parte. Daí o rigoroso exame por parte da Igreja.

Como prova convincente da autenticidade de suas visões, o Padre Reus declara:

***“... não dependem de mim. Sobrevêm freqüentemente, em dias comuns, e não nas festas comemorativas (por exemplo Sexta-feira Santa), quando a alma está repleta do mistério do dia. Também não me é possível modificar algo nas visões, circunstâncias mencionada também por Santa Teresa”.***

Por outro lado, o Padre Reus não desejava o extraordinário. Rezava e pedia ao seu Senhor e Deus: ***“Sabeis que não procuro coisas extraordinárias, admito-as, unicamente, porque Vós mas enviáis”.*** E procurou corresponder a essas graças extraordinárias que Deus lhe concedeu, sabendo que é o caminho mais eficaz de alcançar a santidade mais rapidamente e em grau mais elevado.

Na mesma ocasião escreveu ainda: ***“Embora anele estar convosco, ó amantíssimo Jesus, quero viver para dilatar o domínio do Vosso Coração nos corações daqueles que remistes com o Vosso preciosíssimo sangue”.***

### **A morte do Padre Reus.**

O Padre Reus sofreu muito nos anos que antecederam sua morte. No entanto, apesar de doente sempre procurava louvar e agradecer a Deus em suas orações diárias.

Alguns meses antes de sua morte, alternando dias de sofrimento no leito com poucas horas de descanso físico, pois continuava a escrever sua autobiografia.

Em 01/01/47, seis meses antes de falecer, escreveu:

***"Senhor, agradeço-Vos a graça de me terdes dado chegar a esta idade! Obrigado também pelos sofrimentos e incômodos inerentes à idade senil."***

Os primeiros sintomas de seu sofrimento físico já datavam de 1912 quando foi examinado por um médico e constatou-se que começava a apresentar sintomas de hidropisia.

Oito anos mais tarde, em 1920 além da hidropisia que não cessava, foi vítima de diabetes e problemas renais além das constantes e incômodas dores de cabeça que pareciam crônicas.

Não bastasse todos estes males, o Padre Reus por várias vezes teve problemas de pele, bronquite e asma.

Apesar de sua extraordinária força de vontade em continuar vivendo, um ano antes de sua morte apareceram os primeiros problemas cardíacos que permaneceriam a atormentá-lo até o final.

Em 1947, aos 79 anos, seu estado de saúde alternava momentos de melhora com repentinos e constantes agravamentos. Em 04 de abril daquele ano, uma Sexta-Feira Santa, foi sacramentado e seguiram-se alguns dias de recuperação. Mas foram breves e fugazes. Logo em seguida seu estado ficou mais crítico.

No dia 10 de junho, dois meses após o sacramento, rezou sua última Missa.

Esse dia tão ardentemente desejado veio a ser o seu Dia do Nascimento para o Céu, após pouco mais de 79 anos de idade, 54 de sacerdócio e 53 de vida religiosa na Companhia de Jesus, em 21 de julho de 1947.

O padre João Batista Reus está sepultado no cemitério dos jesuítas em São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Não demorou muito para que o povo começasse a contar histórias a respeito de ajudas recebidas depois de orações serem dirigidas à memória do padre. Os dias foram passando e cada vez aumentava mais o número de pessoas que se diziam auxiliadas pelo Padre Reus.

Iniciaram as romarias e procissões ao seu túmulo .

## **O Processo de Canonização**



Seu processo de beatificação, iniciado em 1953, sofreu uma pausa em 74. Em parte devido à resistência do cardeal Vicente Scherer, que enviou uma carta ao Papa Paulo VI desaconselhando a santificação. Mais tarde, dom Vicente mudou de idéia e acabou apoiando a carta que 26 bispos gaúchos escreveram em 1993, pedindo pela beatificação de Reus.

Mensalmente, os postuladores da causa no Brasil recebem cerca de 150 cartas com relatos de graças e milagres alcançados.” (JORNAL DO BRASIL - Domingo, 7 de Abril de 1996, José Mitchell, de Porto Alegre)

O processo para Beatificação e Canonização do padre João Batista Reus foi iniciado em 25 de julho de 1953 e terminado a 13.11.1958 em Porto Alegre.

Em 1958 todos os documentos relativos ao processo foram entregues em Roma onde prossegue os trâmites exigidos pelas autoridades religiosas.

Em 24 de setembro de 2003 a edição nº 4.853 do jornal “Correio Riograndense”, de Caxias do Sul, trazia a seguinte nota:

Causa Padre Reus ganha novo impulso

Novo tribunal vai dar continuidade à causa de beatificação do jesuíta

A causa de beatificação do Padre João Baptista Reus vive um novo e importante momento. Em julho deste ano foi constituído o Tribunal Eclesiástico para o “Processo Supletivo sobre a continuidade da fama de santidade do Pe. João Baptista Reus”. Dom Osvino José Both, bispo de Novo Hamburgo, presidiu a sessão de instalação.

Segundo o postulador geral de Roma, padre Paolo Molinari, sj, o “processo supletivo” significa um novo processo que deve completar aquele realizado nos anos 1954-1958, pela arquidiocese de Porto Alegre.

O novo Tribunal deve suprir o que falta, isto é, a prova de que a fama de santidade de Pe. Reus continuou deste o tempo do primeiro processo até os dias atuais. Como São Leopoldo pertence agora à jurisdição da diocese de Novo Hamburgo, dom Dadeus Grings, arcebispo de Porto Alegre, transferiu o respectivo processo para essa diocese, em janeiro de 2003.

### **A Vida Mística do Padre Reus.**

A vida mística consiste nas relações espirituais da criatura com seu Criador, de caráter mais íntimo do que o comum, e que se manifesta de muitas maneiras, sobretudo com êxtase, arroubos,

aparições, revelações de caráter particular, etc. Nesta união mais íntima com Deus a alma chega a conhecer coisas divinas, não só pela luz da fé, mas também pela experiência pessoal.

Além do conhecimento mais perfeito das coisas divinas, a alma mística sente maior aproximação de Deus, participando com maior intensidade da vida divina e progredindo mais rápido e solidamente no caminho da perfeição.

Essa íntima familiaridade da alma com Deus provoca necessariamente maiores frutos espirituais. Por exemplo o desapego completo das coisas terrenas, considerando-as vãs e efêmeras e um amor mais generoso a Deus, como suprema e perene realidade.

Por outro lado, as graças mais ou menos extraordinárias, próprias de vida mística, não dispensam a criatura da cooperação pessoal, generosa e constante, que se concretiza na prática das virtudes.

Quanto à vida mística do Padre Reus, sabe-se da existência de fenômenos místicos, narrados por ele mesmo no seu Diário espiritual e na Autobiografia. Esses escritos fazem parte integrante do Processo Informativo que se encontra em Roma desde dezembro de 1958. O exame da legitimidade dos fenômenos próprios da vida mística está reservado a Igreja, que é Mestra prudentíssima da vida espiritual.

Em sua Autobiografia o Padre Reus relata *muitas êxtases, visões e aparições, principalmente durante a celebração da Santa Missa, e outras comunicações espirituais.*

Por outro lado, se esses fenômenos foram ou não reais, é questão secundária. O importante é que neles não haja algo contra a fé e os bons costumes. É precisamente na prática constante das virtudes heróicas que se baseia a santidade e se justifica a beatificação dos Servos de Deus.

Verdadeiros ou não, esses fenômenos na vida do Padre Reus, quase diários nos últimos decênios, eram para ele estímulo poderoso e constante para progredir nas virtudes e na generosidade para com Deus.

***“Quero trabalhar com o auxílio da Vossa onipotente graça, a fim de me santificar para Vós. Os grandes Dons, que Vós houvestes por bem despende com a Vossa indigna criatura, não me fazem santo. Mas devem ser um aguilhão a ferir-me constantemente, levando-me a morrer para mim, a fim de que viva para Vós, vítima do Vosso amor”***- assim escrevia o Padre Reus a quatro de fevereiro de 1929.

### **A autobiografia do Padre João Batista Réus.**

Por obediência a seus superiores que o viam narrar oralmente dezenas de graças místicas, foi compelido a escrever sua autobiografia onde narra de um modo claro e equilibrado todas as visões e êxtases de que foi alvo, embora jamais se julgasse digno de qualquer destas manifestações.

O Padre Reus fez tudo o que a prudência humana exige para não ser vítima de ilusões e enganos. Recorreu, sobretudo, ao meio infalível da obediência, comunicando aos Superiores humildemente tudo o que se passava em sua alma. Em obediência expressa aos Supervisores escreveu a Autobiografia. No seu Diário espiritual, escrito depois, registrou esta decisão: ***“Antes o coração se rasgue em mil pedaços do que admitir qualquer violação da obediência.”*** E a sinceridade, com que executou a ordem da obediência, aparece na seguinte frase: ***“Antes quisera morrer do que escrever alguma coisa que eu não tivesse percebido”***.

## **As visões Sobrenaturais reveladas ao Padre Reus e**

## que acontece em cada Santa Missa.

(Retiradas do seu diário.)

### 1. O padre provincial aprova os fenômenos Místicos.



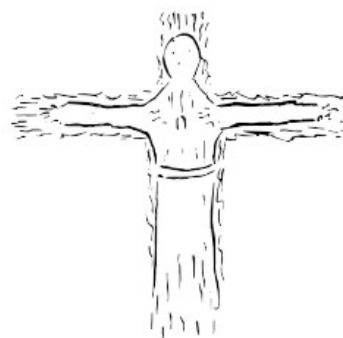
**1392** – 11 de março de 1933. Pouco antes da Comunhão, na ação de graças, fiquei todo em chamas, da cabeça aos pés. Não vi as chamas apenas no coração, mas também saindo do peito. Hoje de manhã, logo ao levantar-me, ofereci o meu coração em chamas ao Sagrado Coração de Jesus como se fosse um coração nupcial <sup>48</sup>.

*48 - Referência ao Cântico dos Cânticos da Sagrada Escritura. A partir desse dia, começa a ilustrar o texto dos relatórios dos fenômenos místicos com desenhos, feitos a bico de pena. Ao todo são 1.184. São considerados uma raridade em obras místicas.*

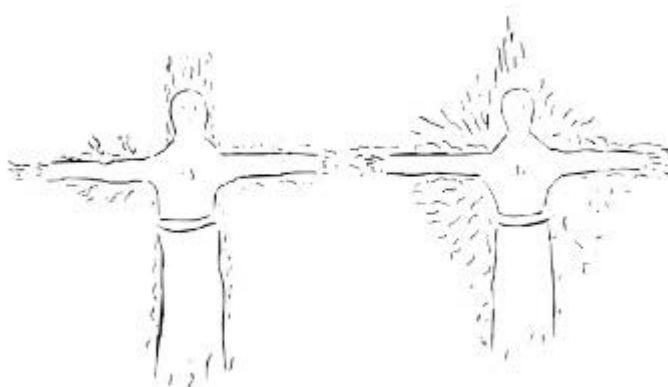
### 2. O Fogo da Cruz.



**1736** – 1º de abril de 1936. O fogo da cruz, de ontem, ainda ardeu hoje, durante a visita das 9h, e continua ardendo. À tarde, pelas 2h, como de costume, **rezei o breviário na capela**. Por causa do ardor, descobri o peito na altura do coração e, assim, terminei de rezar o breviário. Às 6h, visita (quarta-feira, na semana da Paixão). A cruz do fogo, que ainda vejo em mim, expandiu-se nas quatro partes do coração, colocando todo o meu perfil numa grande cruz de fogo. Assim, fiquei, por pouco tempo, em pé, diante do Santíssimo, de braços erguidos. À noite, veio-me o pensamento se é essa a cruz que o Amado Salvador me concede, a meu pedido diário, de morrer por Ele na cruz?



**1744** – 9 de abril de 1936. Quinta-Feira Santa. Às 11h **fiz visita ao Santíssimo Sacramento**. De repente, irrompeu o ardor de amor. Tive que levantar-me e estender os braços. Nisso, vi uma poderosa chama expandir-se desde o interior e, em vez da cruz simples, envolveu-me totalmente. Depois a chama se modificou e da cruz de fogo saíram chamas de fogo ondulantes para o alto. Torci-me de um lado para o outro, a fim de me livrar delas. Em vão. À 1h45min, eu estava na capela doméstica. Vi a pequena cruz de chamas em mim, mas não percebi nenhum ardor diante da

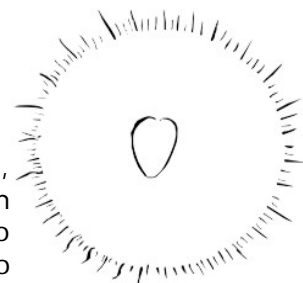


grande cruz. Acrescento isso, para demonstrar que essas coisas não dependem de mim. Também ontem, durante a visita, pensava que o ardor que já sentia, poderia novamente levar à grande cruz do fogo. Apesar dessa minha lembrança, ela não se manifestou.

### 3. Sagrado coração de Jesus; o sol da minha vida.



**1784** – 20 de julho de 1936. Quando, durante a oração da terça, cheguei à palavra *“sol”*, **vi meu coração no meio de um sol**. Resisti. Em vão. Rezo o breviário desde 1892. Jamais imaginei algo semelhante. Não posso suprimir isso. Preciso escrevê-lo. Que seja em honra do Sagrado Coração de Jesus, o sol de minha vida.



**1785** – 21 de julho de 1936. Ontem à tarde, estive deitado, doente. Vi, de repente, como o sol, em que se encontrava meu coração, aumentou e me cercou totalmente. Disse para mim mesmo: Cuidarei de não dar valor a isso. *Mas era mais fácil dizê-lo do que fazê-lo*. Vi-me cercado pelo sol, às vezes mais claro, outras menos. Também hoje de manhã, percebi que não poderia evitar isto. Durante a Missa, aconteceu a mesma coisa. Mas, de modo especial, quando coloquei o **paramento para distribuir a Comunhão aos seminaristas**. Isso eu também tive que desenhar. Sou realmente escravo do Sagrado Coração de Jesus. Devo fazer o que ele quer.



### 4. Vi-me no Sagrado Coração de Jesus.



**1786** – 22 de julho de 1936. Dulcíssimo Coração de Jesus. Ontem à tarde, enquanto rezava **o breviário na capela**, vi, em vez do sol, o Sagrado Coração de Jesus, que me cercava. Já há muitos anos que era incluído no Sagrado Coração de Jesus. Mas agora se acrescentava uma diferença. Vi-me no Sagrado Coração de Jesus como num mar de chamas e, isso, **na santa Missa e depois dela**. Talvez a razão disso seja **meu comportamento na Comunhão**. Como vejo meu coração em chamas ardentes, digo ao amável Salvador: Vem Tu para esse ardor de chamas. Ou também: Tu vês como Te amo. **Pois Tu mesmo estás no meio desse ardor**. Ontem recebi a solução do grande problema da Ir. Antônia. A Ir. X fez uma declaração, justificando, assim, meu procedimento. Minha confiança na bondade do Sagrado



Coração de Jesus se tornou ainda maior. Durante meses, prolongou-se a luta sobre a veracidade das revelações da Irmã Antônia. Não queriam admiti-las como possíveis. O desfecho confirma que o assunto não só é possível, mas corresponde à realidade, exatamente como afirmavam as revelações.



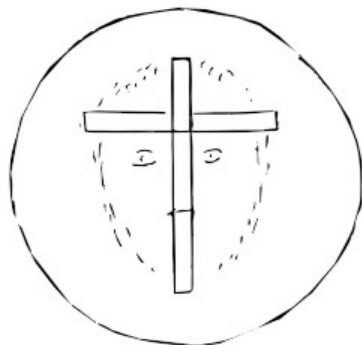
**1849** – 23 de janeiro de 1937. **Quando fui da sacristia ao altar, vi-me como uma única chama de fogo.** Igualmente, não tive paz, enquanto não tinha escrito e feito o desenho. Que tudo seja para a maior glória do Sagrado Coração de Jesus, fonte dessas graças. Ele as dá para mim segundo sua vontade, não porque eu as tenha merecido de alguma forma. Infelizmente. Mas, se servir para glorificá-lo, tudo bem.



#### 5. Na Santa Hóstia, a Face do Salvador.



**1866** – 21 de março de 1937. Comunhão. *Expansis* – **oração com as mãos estendidas para o alto por bastante tempo.** Depois da Consagração da santa Hóstia, **vi na mesma o santo rosto do amável Salvador.** Também, há pouco tempo, vi, de repente, na santa Hóstia, o seu santo rosto. Mas não dei importância, embora me chamasse muito a atenção. Hoje, no entanto, parece excluída qualquer dúvida. Também tive que fazer o desenho. Não adianta resistir. Mas o desenho é um tanto inexato, na medida em que o rosto ocupava um espaço um pouco maior. Mas, no geral, está exato. Também na Comunhão, vi o rosto santo.



#### 6. Medianeira de Todas as Graças.



**1899** – 5 de junho de 1937. A comunhão tocou como fogo ardente o meu coração. A visão que, ontem, me havia causado dúvidas, está hoje quase continuamente visível: meu coração unido ao Sagrado Coração de Jesus, com chamas irrompendo para o alto. Portanto, também ontem foi verdadeira. **Quando, hoje, vestia os paramentos na sacristia,** para ajudar a distribuir a Comunhão na Missa dos alunos, pedi ao amável Salvador, como costume fazê-lo, que Ele me **vestisse na sua pureza, para que eu fosse menos indigno de distribuir os santos mistérios.** Tinha acabado de vestir a alva e fechava o cordão na frente, puxando os paramentos para arrumá-los um pouco mais, quando, de repente, a amável Mãe de Deus estava à minha frente, ajudando-me com suas próprias mãos. Ela procedia como faz, por exemplo, uma mãe para com seu filho, que se vestiu e a quem, de pé diante dele, ela ainda ajeita um ou outro pormenor. Tudo foi questão de um momento. Ela mostrou-se, portanto, como **a Medianeira das graças.** Nesse momento eu nem tinha pensando nela, e não alimentaria tal pretensão.





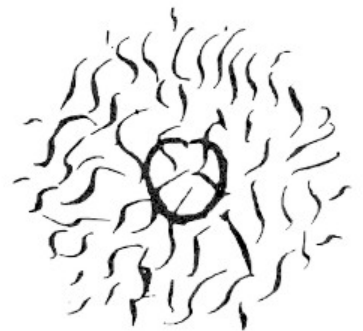
**1924** – 21 de julho de 1937. Dulcíssimo Coração de Jesus. O mesmo que no dia 17 de julho, até ficar como cera derretida. Na hora da Comunhão, manifestou-se forte ardor, mas internamente, de forma não visível. **Ao dar a última bênção, vi, de repente, saírem chamas de fogo da minha mão que abençoava.** Tive que fazer o desenho. O Sagrado Coração de Jesus me pede, de modo que não posso resistir.



**1925** – 22 de julho de 1937. Dulcíssimo Coração de Jesus. O mesmo que no dia 17 de julho, até ficar como cera derretida. Na comunhão, manifestou-se forte ardor. Na última bênção, lembrei-me das chamas que eu vi ontem. Hoje, não vi nada. Mas depois da Missa, vi sair do meu coração uma longa chama abrindo-se para o lado como uma língua de fogo; finalmente, vi meu coração em chamas e, sobre ele, uma cruz de fogo. O que significaria isto? Certamente a regra 11 *Insignibus et vestibus Domini indui. Victina tuis amoris!* – **Vesti as insígnias e as vestes do Senhor. Vítima do teu amor!** À tarde, na visita ao Santíssimo, vi meu coração em meio a uma grande chama. O Sagrado Coração assim o quer e pede que eu faça o desenho. Desejo não iludir a mim mesmo. Mas o que vou fazer?



**2249** – 21 de maio de 1938. Dulcíssimo Coração de Jesus. Idem, como no dia 2.5. Como no dia anterior, estive em fogo. Ao afastar-me do altar, fiquei em fogo. Durante a Ação de Graças, vi brotar novamente chamas do fundo do meu coração. E se transformou num outro mar de fogo. Vi em meu interior o fogo intenso do amor, como um imenso ardor solar, da mesma forma, como ele se apresenta na realidade, em constantes ondas, incandescência e borbulhar; no meio desta bola de fogo, o meu coração todo impregnado desse ardor. Eu escrevo e desenho o que é como o Divino Salvador quer.



**2252** – 24 de maio de 1938. Dulcíssimo Coração de Jesus. Idem, como no dia 2.5. Ouvi as palavras da Consagração. **Durante uma confissão, em meu quarto, vi a mão luminosa do Divino Salvador em minha mão, que se ergueu e deu a bênção comigo. Ouvi as palavras da absolvição, que Ele pronunciou em mim e comigo.** Logo a seguir, vieram dois outros penitentes, com os quais se repetiu a mesma coisa, com alguns detalhes a mais. Com o terceiro, isso se manifestou de maneira mais expressiva. **Ouvi toda a oração do Misereatur até o fim, pronunciada pelo Divino Salvador**





**em mim e comigo. Vi também sua santa mão luminosa em minha mão, dando a bênção.** Vi como da minha mão, principalmente da chaga da mão, saíam chamas de fogo sobre o penitente e como, na oração *Ego te absolvo – eu te absolvo, saía uma chama de fogo da minha boca sobre o coirmão penitente*<sup>60</sup>. Eu tive que me esforçar para dominar o meu próprio ardor, que irrompeu do meu interior quando o coirmão se afastou. Eu estava certo de que, após as visões dos últimos dias, não viria mais nada, ao menos não agora. De repente, sobreveio nova manifestação de ardor. O que eu posso fazer? Devo fazer o desenho. Ele o quer.

<sup>60</sup> *Vários penitentes perceberam que o Pe. Reus alterava a voz, quando dava a absolvição. A causa estava nesse fenômeno místico e na emoção do confessor, que se julgava indigno de tão grandes graças.*



**2253** – 25 de maio de 1938. Dulcíssimo Coração de Jesus. O mesmo do dia 2.5. Como no dia anterior, estive em fogo. Já por duas vezes, o Divino Salvador esteve junto à minha saudação de amor, que Ele, como esposo de minha alma, recebia em primeiro lugar. Ele também não me deixa descansar, enquanto eu não tenho anotado as demonstrações do seu amor.



**2254** – 26 de maio de 1938. Dulcíssimo Coração de Jesus. Idem, no dia 2.5. Estive em fogo como no dia anterior. Durante a madrugada, o Divino Salvador esteve novamente junto à minha cama. Na Comunhão, fiquei de braços estendidos, em silêncio, por longo tempo. Mais de 24 horas resisti a fazer o desenho representando o divino Salvador parado junto à minha cama. Opunha como argumentos, a minha impotência, a minha inutilidade, a minha estranheza. Tudo em vão. Sempre e sempre de novo e de maneira mais suave, mas irresistível, vime forçando a ceder. Eu o faço, porque não posso mais duvidar da veracidade. Ele mesmo é quem me ordena. Por quê? Não o compreendo. Só uma ou outra vez pareceu-me que me dizia: **“Queres, então, menosprezar a minha graça”?** Nestes dias, sobreveio-me novamente o ardor, durante **a bênção do Santíssimo**.

Começou no início da exposição do Santíssimo e terminou no final da mesma. **Também na igreja paroquial, eu vi, durante a absolvição, como uma chama de fogo saía da minha boca sobre o penitente.**



**2255** – 28 de maio de 1938. Dulcíssimo Coração de Jesus. Idem, como no dia 2.5. Enquanto ouvia as confissões na igreja paroquial, **vi durante a absolvição uma chama saindo de mim e indo sobre o penitente**. Uma, na palavra *Patris - Pai*, uma segunda, na palavra *Filii - Filho* e uma terceira, na palavra *Spiritus Sancti – Espírito Santo*. Isto mostra claramente que no **Sacramento da Penitência, a Santíssima Trindade toma parte ativa**. Este desenho eu fiz, porque eu devo. Hoje tive, novamente, dor de cabeça.





**2257** – 30 de maio de 1938. Dulcíssimo Coração de Jesus. Idem, no dia 2.5. Depois do Pai Nosso, **vi saírem da santa Hóstia raios ofuscantes**, de modo que o meu rosto me pareceu todo iluminado. Fechei os olhos seguidas vezes, para assegurar-me de que não era ilusão, talvez também porque eu não conseguia suportar a luz ofuscante. Como cometi, por causa disso, um pequeno erro litúrgico, contra as rubricas, concentrei toda a minha atenção para não mais observar os raios. O desenho eu tive que fazer, conforme sua santa vontade.

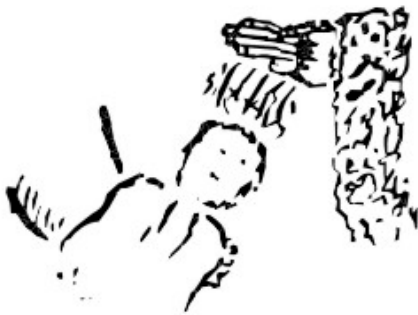


**2258** – 31 de maio de 1938. Dulcíssimo Coração de Jesus. Idem, como no dia 2.5. Quando, **na hora do Ofertório, fiz o sinal da cruz sobre as ofertas, vi saírem da minha mão raios sobre o cálice**. O mesmo vi, novamente, logo antes da Consagração. **Ouvi com toda a clareza as palavras, que o Divino Salvador disse, em mim e juntamente comigo. Vi sua mão luminosa em minha mão e senti o seu braço ao levantar o cálice. Na absolvição, durante a confissão, vi uma chama de fogo saindo da minha mão e passando para o penitente, ao pronunciar as palavras “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”**. Eu devo escrever isso. Meu Jesus, tem piedade de mim. Eu não sei como isso terminará. Quando caí no chão, no meu quarto, devido ao ardor de amor, senti outra vez, e de maneira dolorosa, principalmente a chaga do coração.



**2259** – 1º de junho de 1938. Dulcíssimo Coração de Jesus. Idem, no dia 2.5. Quando, no término da distribuição da Comunhão, antes da Missa, dei a bênção, **vi saírem chamas da minha mão**. Como no dia anterior, estive em fogo. Na Ação de Graças, vi fogo ardendo de diversas maneiras. Uma parte principal consistia nas chamas ao redor de um coração de fogo. Eu desenho isso, porque

devo. **Durante a celebração de um batismo, vi fogo saindo da minha mão, ao impô-la sobre a cabecinha da criança**. O amável Salvador quer que eu faça o desenho, embora eu tenha tido um pouco de resistência.





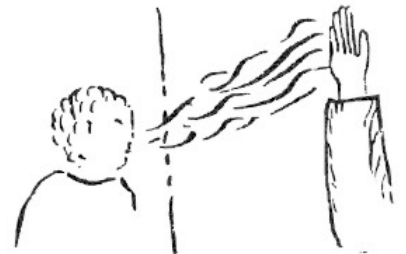
**2260** – 2 de junho de 1938. Dulcíssimo Coração de Jesus. Idem, como no dia 2.5.

**Durante a distribuição da Comunhão, antes da Missa, quando eu trazia a santa Hóstia na mão, vi, de repente, um sol se formando ao redor da santa Hóstia.** Aumentava rapidamente, até alcançar o cibório. No Ofertório do pão, **erguerem-se chamas de ambas as mãos, que seguravam a patena.** Ao fazer o sinal da cruz, depois da Consagração, **vi, igualmente, saírem chamas de minhas mãos em direção ao cálice.** Eu jamais teria pensado numa coisa dessas. **Afinal, a fonte da bênção é Jesus, pessoalmente presente.** Mas na reflexão, já que não posso negar as chamas nem as posso silenciar, tive que aceitar a autenticidade. **A bênção, abstraindo-se de qualquer outro significado, vale, neste caso, não só porque ela pertence ao corpo sacramental, mas também por força do corpo místico de Cristo,** e, para os que crêem, tem seu significado *virtutem crucis* – **em virtude da cruz, como diz S. Tomás.** Esta visão, que me deixou desconfiado, serve justamente como prova de que minha fantasia não é fonte de tudo isso. **Eu vi, além disso, a mão luminosa do Divino Salvador, não só na Consagração, mas também quando, depois da Comunhão, purificava o cálice. Quando me confessei, vi como da mão do confessor saíam chamas sobre mim.** À tarde, tive que me deitar por causa da dor de cabeça. Depois de mais ou menos 25 minutos de paciente entrega, senti, repentinamente, tão forte ardor de amor, que tive que abrir a batina na altura do coração. Depois, doía-me a chaga do coração de tal maneira, que eu gritei um prolongado Ai! Uma segunda vez, sobreveio esta dor repentina e mais uma vez eu gritei e pressionei o local onde sentia a chaga. Pela primeira vez eu irrompi em tal grito de dor.



**2261** – 3 de junho de 1938. Dulcíssimo Coração de Jesus. Idem, no

dia 2.5. Na Comunhão, *expantis* – **oração de braços abertos, mas por breve tempo.** Ao rezar o Glória e o Credo, **vi sair de minha boca cada palavra como chamas de fogo, que se elevam para as alturas diante da face de Deus.** Fiz o desenho, só porque o Divino Salvador o queria. Ao ouvir confissões na igreja paroquial, vi repetidas vezes, **ao fazer o sinal da cruz, durante a absolvição sacramental, como saía uma intensa chama de fogo da minha mão, abençoando o penitente.** Eu queria omitir isso. Mas não há paz, enquanto não estiver escrito e desenhado.



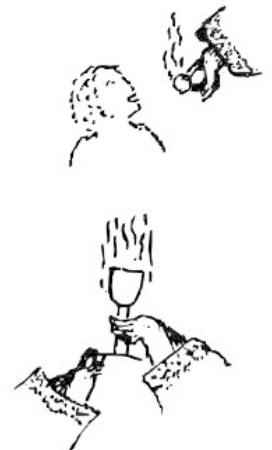
Ele mesmo o quer.

## 7. Vulcão de Chamas



**2262** – 4 de junho de 1938. **Vigília de Pentecostes.**

Dulcíssimo Coração de Jesus. Idem, como no dia 2.5. No meio do fogo, e com o coração em fogo, eu me dirigi para o altar. Qualquer tentativa de resistência levava ao efeito contrário, isto é, o ardor se inflamava ainda mais. Como de costume, distribuí a Comunhão antes da Missa. **Então, eu vi sair da santa Hóstia uma chama ardente, e eu distribuía esta Hóstia em chamas aos que recebiam a Comunhão.** Eu tentava, desfazer-me desta visão. Em vão. **Na elevação do Santíssimo Sangue, vi chamas**

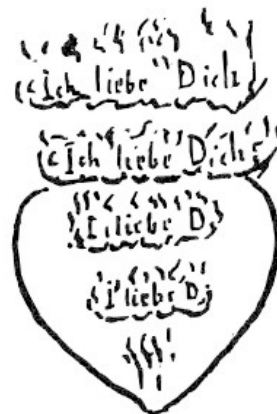


**brotarem o cálice.** Durante a leitura de ambos os evangelhos, **vi, numa parte expressiva das palavras, as mesmas saírem como chamas da minha boca e elevarem-se para o alto.** Na Ação de Graças, todo o meu interior era, de novo, um ardente e ativo vulcão de chamas de amor e de ondas de amor, que brotavam do mais profundo abismo do meu coração e se sucediam ininterruptamente.



**2264** – 6 de junho de 1938. Dulcíssimo Coração de Jesus. O mesmo do dia 2.5. Como no dia anterior, estive em fogo. Na Ação de Graças, **vi meu coração como um vulcão chamejante, de modo que ofereci ao Divino Salvador meu amor pareciam-me, não como pequenas chamas, mas como grandes ondas de chamas, nuvens de amor, que saíam do meu coração e subiam um após outra.** Era como uma erupção vulcânica, que para mim é coisa impossível de imaginar. Eu jamais teria chegado a tal idéia e nunca teria ousado apresentar ao meu Deus e Senhor, no momento mais sagrado, uma coisa destas. Também recebi outras graças. **Durante um batismo, ouvi como o Divino Salvador pronunciou a oração, em mim e comigo.**

O ardor do amor persistiu até eu guardar o Santíssimo no sacrário.



**2278** – Nas orações antes da Comunhão, **vi meus anseios saindo da minha boca e transformar-se na santa Hóstia,** quanto consigo me lembrar, em forma de chamas de amor. Depois da Comunhão, *expansis* – oração de braços abertos, **violento ardor de amor, e eu fiquei com o corpo em movimento. Ao tomar o Santíssimo Sangue, vi todo o meu corpo transformando em fogo.** Na Ação de Graças, ardor, fogo, chamas muito intensas do fundo do meu coração. Então fui para a igreja paroquial, a fim de ouvir confissões. **Ao ouvir um determinado pecado, veio-me mais ou menos esta palavra: Nós somos uma raça miserável.** Senti profunda compaixão. **Como o Divino Salvador é ofendido!** De repente, as lágrimas caíram de meus olhos, lágrimas de amor cordial, de íntima compaixão e sincera tristeza. Por isso, tive de interromper momentaneamente as confissões para enxugar as lágrimas. Na meditação da manhã, **vi, novamente, meus atos de amor subirem como sóis de fogo.** O mesmo na Ação de Graças, mas durante pouco tempo.

Salvador. Ele fará tudo corretamente. Na Ação de Graças, ardor, amor vulcânico, mas durante breve tempo.



**2284** – 25 de junho de 1938. Dulcíssimo Coração de Jesus. O mesmo do dia 2.5. Quando, no começo da Missa, distribuía a Comunhão, **vi subir da pequena Hóstia que eu segurava na mão, outra chama em meio a uma chama maior, que provinha do cibório.** Olhei bem, porque depois me viriam dúvidas. No entanto, não restava dúvida, a chama ardia. **Estive em fogo como no dia**



**anterior. Nas orações, as palavras eram como fogo e sóis de fogo.** Resisti, para não ficar distraído. Não adiantou nada. As chamas estavam presentes. Também outras graças se repetiram. Na Ação de Graças, um vulcão de amor, ardor, sóis de fogo.



**2286** – 27 de junho de 1938.

Dulcíssimo Coração de Jesus. O mesmo dia 2.5. De manhã, quando fui à capela, **vi o altar em chamas. Uma chama avançava com força e saía da pedra do altar.** Olhei com atenção. Como no dia anterior, estive em fogo. **Durante a santa Missa, houve repetições de fenômenos, dos sóis de fogo que, nas palavras de algumas orações, projetavam-se para o alto.** Na Ação de Graças, tudo em fogo, vulcão de amor. Nisso, manifestaram-se novamente os sóis de fogo, que brotavam do meu coração,



acompanhados de chamas de fogo. **Certa vez, vi, como sinal da presença de Jesus em mim, a santa Hóstia em meu coração rodeada de chamas.** Devo escrever isso e fazer o desenho. Jesus, tem de piedade de mim. Eu seria completamente incapaz de inventar variedade de fatos.



**2291** – 2 de julho de 1938. Dulcíssimo Coração de Jesus. O

mesmo dia 2.5. Como no dia anterior, estive em fogo. **Durante a santa Missa, vi as palavras em diversas partes, por exemplo, na oração ao pé do altar, como sóis de fogo que saíam da minha boca.** Na Ação de Graças, vulcão de amor. **Novamente, vi sóis de fogo, bem maiores do que a área do meu coração.** São os atos de amor. **Também vi a oração do breviário, em forma de sóis de fogo, sair da minha boca.** Em oposição às blasfêmias, pelas quais a Divina Majestade de Deus e o Sagrado Coração de Jesus são tão profundamente ofendidos e entristecidos, consolam o Divino Salvador as divinas palavras do breviário, glorificam a infinita grandeza e majestade de Deus. Depois, **vi, também, outras orações subirem de maneira idêntica da minha boca para Deus.** Creio que isto é menos do que aquilo que eu vi. Eu confio na infinita bondade do Sagrado Coração de Jesus, que não me tornarei vítima de uma ilusão.

